

A Revista HISTEDBR On-line publica artigos resultantes de estudos e pesquisas científicas que abordam a educação como fenômeno social em sua vinculação com a reflexão histórica

Correspondência ao Autor

Nome: Maria Lenúcia de Moura
E-mail: lenucia.moura@uece.br
Instituição: Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Submetido: 19/02/2020
Aprovado: 27/04/2020
Publicado: 01/06/2021

 10.20396/rho.v21i00.8658447
e-Location: e021018
ISSN: 1676-2584

Como citar ABNT (NBR 6023):
MOURA, M. L. de; MACHADO, C. J. dos S.; BEZERRA, J. E. B. A frágil democracia brasileira: reflexões a partir da biografia de Valter Pinheiro. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 21, p. 1-24, 2021. DOI: 10.20396/rho.v21i00.8658447. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8658447>. Acesso em: 01 jun. 2021.



A FRÁGIL DEMOCRACIA BRASILEIRA: REFLEXÕES A PARTIR DA BIOGRAFIA DE VALTER PINHEIRO

-  **Maria Lenúcia de Moura***
Universidade Estadual do Ceará
-  **Charliton José dos Santos Machado****
Universidade Federal da Paraíba
-  **José Eudes Baima Bezerra*****
Universidade Estadual do Ceará

RESUMO

Este texto tem como objeto de estudo a trajetória de Valter Pinheiro durante a ditadura de 1964, e pretende ser ponto de reflexão sobre a democracia, estando direcionado em especial aos jovens, hoje, imbuídos da luta democrática, no contexto do aprofundamento da crise do capital, do qual o governo anômalo de Bolsonaro é uma expressão. O presente trabalho pretende observar os fios que ligam a vida do biografado ao contexto da época em tela, buscando nessa relação entre biografia e contexto contribuir para o retrato da juventude de 1964 envolvida com a educação, trazendo uma leitura não apenas do ativismo político/educacional do biografado, mas também das instituições de ensino pelas quais passou. As fontes utilizadas são materiais primários, advindas de entrevistas feitas ao longo do desenvolvimento desse trabalho, bem como materiais secundários, como documentos oficiais da Comissão Verdade e Justiça. Postulamos que, assim como a juventude 1964, a atual juventude saberá, para além dos dispositivos conservadores e entreguistas de nossos meios de comunicação, dissuadir-se da teia de submissão imposta pelas redes sociais e, ao sabor das denúncias dos arranjos para minar nossa frágil democracia, lutar pelo retorno nos marcos da luta burguesa, hoje negada por essa mesma burguesia ou quem sabe trilhar caminhos para além desse postulado burguês que, por certo, não atende aos interesses da classe trabalhadora, traçando dessa forma, novas forma de sociabilidade.

PALAVRAS-CHAVE: Biografia. Ditadura Militar. Democracia.

THE FRAGILE BRAZILIAN DEMOCRACY: REFLECTIONS FROM VALTER PINHEIRO'S BIOGRAPHY

Abstract

This text has as its object of study the trajectory of Valter Pinheiro during the 1964 dictatorship, and aims to be a point of reflection on democracy, being directed especially to young people today, imbued with the democratic struggle, in the context of the deepening of the capital crisis, of which the anomalous Bolsonaro government is an expression. The present work intends to observe the threads that link the life of the biographer to the context of the time in question, seeking in this relationship between biography and context to contribute to the portrait of the youth of 1964 involved with education, bringing a reading not only of political / educational activism. of the biographer, but also of the educational institutions through which he passed. The sources used are primary materials from interviews conducted throughout the course of this work, as well as secondary materials such as official Truth and Justice Commission documents. We postulate that, like the 1964 youth, today's youth will know, beyond the conservative and surrendering devices of our media, to dissuade themselves from the web of submission imposed by social networks and, to the tune of denunciations of arrangements to undermine our fragile democracy, to fight for the return in the framework of the bourgeois struggle, denied today by the same bourgeoisie or perhaps to tread ways beyond this bourgeois postulate that certainly does not meet the interests of the working class, thus tracing new forms of sociability.

Keywords: Biography. Military Dictatorship. Democracy.

LA FRÁGIL DEMOCRACIA BRASILEÑA: REFLEXIONES A PARTIR DE LA BIOGRAFÍA DE VALTER PINHEIRO

Resumen

Este texto tiene como objeto de estudio la trayectoria de Valter Pinheiro durante la dictadura de 1964, y pretende ser un punto de reflexión sobre la democracia, dirigido especialmente a los jóvenes de hoy, imbuidos de la lucha democrática, en el contexto de la profundización de la crisis del capital, del cual el anómalo gobierno de Bolsonaro es una expresión. El presente trabajo pretende observar los hilos que vinculan la vida del biógrafo con el contexto de la época en cuestión, buscando en esta relación entre biografía y contexto contribuir al retrato de la juventud de 1964 involucrada en la educación, trayendo una lectura no solo del activismo político / educativo. del biógrafo, pero también de las instituciones educativas por las que pasó. Las fuentes utilizadas son materiales primarios de entrevistas realizadas a lo largo de este trabajo, así como materiales secundarios como documentos oficiales de la Comisión de la Verdad y la Justicia. Postulamos que, como la juventud de 1964, la juventud actual sabrá, más allá de los dispositivos conservadores y entregados de nuestros medios, disuadirse de la red de sumisión impuesta por las redes sociales y, a tono de denuncias de arreglos para socavar nuestros frágiles democracia, para luchar por el retorno en el marco de la lucha burguesa, negada hoy por la misma burguesía o tal vez caminar más allá de este postulado burgués que ciertamente no cumple con los intereses de la clase trabajadora, trazando así nuevas formas de sociabilidad.

Palabras clave: Biografía. Dictadura militar. Democracia.

INTRODUÇÃO

O estudo que se segue tematiza a vida do militante político Valter Pinheiro, uma das muitas vítimas da Ditadura instituída pelo golpe militar de 1964, na perspectiva de entender a questão da democracia no Brasil no espelho justamente de um período que primou pelo seu esmagamento.

Quanto ao aspecto metodológico, elegemos a História Oral como núcleo de nossa proposição. Esta abordagem permitiu desenvolver e fundamentar nossa análise histórica através dos muitos materiais recolhidos e processados durante a pesquisa – da qual esse texto é apenas uma parte. Chama-se a atenção para as entrevistas da Comissão Verdade e Justiça cearense, da qual nosso biografado foi o primeiro depoente, em sessão na Assembleia Legislativa do Estado, onde estivemos presentes, acompanhando os trabalhos.

O depoimento somava coro com Pollak (1989), quando afirma que a memória subterrânea se opõe ao caráter opressor da memória social. Valter Pinheiro possui ainda a rebeldia do jovem que um dia nos anos de 1960 se contrapôs ao caráter ditatorial de um regime, ao qual, nos anos de 1980, nosso personagem se negou a perdoar, se negando a isentar os torturadores como imposição, como condição para que recebesse a indenização devida por ter sido sequestrado durante o regime militar. Nessa pesquisa, registramos a memória viva com o cuidado devido com o projeto e com a pesquisa em si, percorrendo cada etapa da história oral. Cada entrevista foi precedida de agendamento, elaboração e seguida da transcrição, que retornava ao entrevistado para que o escrito fosse o mais próximo ao narrado e ao ver-se no texto, o entrevistado autorizasse a publicação, mesmo que, de início, tivesse assinado a Carta de Cessão. Passos necessários nesse tipo de pesquisa, onde o entrevistado tem maior liberdade de dissertar sobre suas experiências. Este texto foi construído com quatro das quinze entrevistas feitas com Valter Pinheiro ao longo de cinco anos.

As memórias narradas revelam as experiências sociais de Valter Pinheiro e por sua vez dos grupos dos quais fazia parte durante a ditadura civil-militar de 1964. Para efeito da análise, as narrativas constituíram o aporte para pensarmos as formas frágeis de constituição de nossa democracia, bem como a juventude de 2013.

A trajetória de vida de Valter Pinheiro o confrontou bem cedo com o caráter profundamente formal da democracia no Brasil e com os aspectos contraditórios da justiça burguesa. Anterior ao que poderíamos chamar de ações politizadas, o personagem em questão já estava envolvido com a fragilidade de nosso sistema jurídico. Seu avô materno fora assassinado na cidade de Brejo Santo, no interior do Estado do Ceará. Seu avô era dono de uma pequena propriedade rural, a qual foi o centro de uma disputa com um dos latifundiários da região do Cariri. Saído de Pernambuco, o avô de Valter Pinheiro veio tentar a sorte no Ceará, instalando uma pequena produção agrícola para subsistência. Passados alguns anos as terras foram invadidas, gerando um conflito, desencadeando fatos que levariam a família a abandonar as terras e se mudar para Fortaleza. Nesse episódio, a família

de nosso personagem se deparou com os pilares da “democracia” do Estado Novo. Esse fato expõe as vísceras do contexto nordestino e da política regional, onde o coronel era a figura de maior poder econômico, como proprietário do latifúndio, como do poder político, pela representatividade de seu curral eleitoral. Eles possuíam não apenas o poder de vida como também da morte. A pressão do conflito acima mencionado, neste quadro de desigualdade entre os disputantes gerou a emigração da família Pinheiro para a cidade de Fortaleza.

Chega a Fortaleza o pai de nosso biografado. Assim como tantas outras famílias vive de uma pequena oficina, no seu caso, uma oficina mecânica que mais tarde lhe possibilitaria um emprego no SENAI como soldador elétrico, de onde sairia o sustento de seu filho Valter Pinheiro. Nascido em 12 de dezembro de 1944, numa família de sete irmãos, teve sua vida educacional em escolas públicas do bairro onde morava, Farias Brito. É neste ponto que o presente perfil biográfico realmente tem início. É na vivência urbana em Fortaleza que sua experiência política consciente se efetivará e, portanto, é esta etapa de sua vida que interessa a este estudo.

Faremos esse caminho convictos de que estaremos em boa companhia. Valter Pinheiro além de intelectual é um leitor ávido, linguista nato, aberto às questões que solapavam o país em sua juventude e do contexto contemporâneo. Nosso personagem tem uma persuasão íntima que percebemos em poucas pessoas, faz parte de um grupo que não se afasta de seus ideais, que o persegue a cada dia. Como se isso já não bastasse, é um educador, e os educadores têm sempre algo a nos ensinar e, em nossa oitiva, temos muito a aprender.

Este texto tem, portanto, como objeto de estudo a trajetória de Valter Pinheiro durante a ditadura de 1964, e pretende ser ponto de reflexão sobre a democracia, estando direcionado em especial aos jovens, hoje, imbuído da luta democrática, no contexto do aprofundamento da crise do capital, do qual o governo anômalo de Bolsonaro é uma expressão. Discussão que se atualiza na circunstância da chegada ao poder deste personagem que cotidianamente põe em xeque as garantias conquistadas, em particular os direitos da juventude pobre, a qual se nega um futuro.

A BIOGRAFIA COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM HISTÓRICA

A História de vida de Valter Pinheiro nos lembra a violência imposta pelo Estado durante a ditadura militar brasileira – fato que voltou ao palco da história ao ser ostentado em faixas nas passeatas da extrema direita pedindo seu retorno na atual conjuntura - e a reflexão dos marcos atuais da democracia, através do engajamento político do personagem.

Este texto se afina ao postulado de Bourdieu sobre a “ilusão biográfica”, segundo o qual a reconstrução do contexto em que o indivíduo esteve imerso permite uma análise das instituições por onde passou. De certo, nesse trabalho, não nos propomos a dirimir dúvidas sobre as possibilidades da biografia, mas tão somente contribuir para o olhar sobre aquele

que foi o contexto de maior violência imposto pelo Estado aos indivíduos e organizações desse país, sob a lente de um professor ativista.

O presente trabalho pretende fazer uma análise da trajetória de Valter Pinheiro ao longo dos anos do período da Ditadura e, através da compreensão de suas motivações durante esse período, apresentar uma leitura da democracia brasileira, com o fim de oferecer uma ferramenta de reflexão à juventude que presencia os ataques do atual governo.

As fontes utilizadas são materiais primários, advindas de entrevistas feitas ao longo do desenvolvimento desse trabalho, bem como materiais secundários, como documentos oficiais da Comissão Verdade e Justiça. Valter Pinheiro foi, aliás, o primeiro depoente do Estado do Ceará na Comissão da Verdade e Justiça instaurada durante o governo da ex-Presidenta Dilma Rousseff. Interessa-nos aqui trabalhar as premissas utilizadas por Franco Ferrarotti (1988) a respeito do pensamento de Marx, segundo as quais a práxis humana revela as adequações que os indivíduos fazem das relações e das próprias estruturas sociais. O ser humano apropria-se dos fatos interiorizando-os e os exterioriza por meio da subjetividade: “[...] o nosso sistema social encontra-se integralmente em cada um dos nossos atos, em cada um dos nossos sonhos, delírios, obras, comportamentos. E a história deste sistema está contida por inteiro na história da nossa vida individual.” (FERRAROTTI, 1988, p. 26).

Esse pensamento do autor ilustra a intenção de apresentar, como já explicitado, uma reflexão sobre a democracia e a violência imposta a juventude de 1964, através da história de vida de Valter Pinheiro.

A DIFÍCIL CONSTRUÇÃO DA DEMOCRACIA: A LEGITIMAÇÃO DO DIREITO BURGUESES

Cunha (1991), em sua análise sobre as características do modelo de democracia no Brasil, indaga se poderíamos falar de um regime verdadeiramente democrático. Com efeito os países assistidos pelas políticas de ajuste econômico do FMI ou do BM, inspirados no ideal neoliberal, estão longe da formulação de um sistema democrático proclamado pelos teóricos, haja vista as políticas serem orquestradas por grupos financeiros internacionais, ao arpejo dos interesses e, às vezes, da própria formalidade das instâncias legislativas nacionais. De acordo com o percurso histórico feito por Cunha (1991, p. 19):

No período imperial, a existência da escravidão e a estreita faixa de votantes mesmo dentre a população livre são elementos suficientes para desestimular qualquer fantasia a respeito de uma “democracia coroada”. No primeiro período do regime republicano (que se convencionou chamar de Primeira República ou República Velha – 1889/1930), o poder político estava dividido no interior das oligarquias de base latifundiária, sendo as mulheres e os analfabetos excluídos das eleições, que em geral eram feitas por processos fraudulentos. Os movimentos que se insurgiram contra esse regime acabaram por levar aos quinze anos da ditadura presidida por Getúlio Vargas (1930/45) – cuja deposição abriu caminho para o que deve

ter sido a primeira experiência democrática no Brasil (1946/64), - ainda que limitada pela generalizada prática populista.

No que diz respeito ao Brasil, os processos desencadeadores da democracia tiveram desfechos surpreendentes. A pseudodemocracia vivida até 1964 dá lugar a sua face mais obscura: entra em cena a ditadura e, com ela, o controle social-político e ideológico da sociedade, período em que Valter Pinheiro se engaja em grupos de militância.

No ginásio, as inquietações ganham sentido, é ali, junto a tantas outras figuras de nossa história de resistência, que daria os primeiros passos ao que podemos chamar de militância política.

Comecei a minha participação política já era o período que a ditadura havia se instalado, ... o liceu era um colégio de muita atividade política bem diferente do que é hoje, o liceu era assim uma verdadeira escola de atividade política. Os estudantes eram bem esclarecidos, bem comprometidos e não deixavam passar nada inclusive até passagem de ônibus quando aumentava os estudantes iam protestar e puxavam outras escolas. (PINHEIRO, 2018).

As palavras de Valter Pinheiro expressam bem o contexto político do Liceu do Ceará nos anos de chumbo e, nessa parte de sua narrativa, particularmente, nos anos que antecederam ao golpe. No Liceu, as correntes de esquerda tinham células e conviviam em atos unificados. Dessa geração do Liceu podemos citar Tito de Alencar, José Genoíno, entre outros.

Leitor ávido, Valter Pinheiro esteve sempre atento ao que considera traços de fascismo, de onde, segundo ele, bebe o aparato militar brasileiro. A reflexão acerca dessas questões se deu, de início, junto a Tito de Alencar que na época coordenava uma cooperativa de estudantes que por sua vez tinha forte influência do PCB, segundo o entrevistado.

O PCB tinha uma enorme influência no Liceu. Tinha uma atividade considerável lá dentro, tanto que isso valeu a participação dos militantes do PCB na direção do CLEC - Centro Liceal de Educação e Cultura que era a entidade representante dos estudantes do liceu. Havia sempre nos intervalos das aulas discursões e comunicados a respeito do que vinha acontecendo politicamente no país. Nessa época quem dirigia o CLEC era o companheiro conhecido como Parangaba, do PCB também. (PINHEIRO, 2020)

O período dominado pelos governos militares marca o início de uma fase de reformas estruturais e reorganização das relações entre Estado e sociedade, a fim de, na visão dos dirigentes do regime, restabelecer o equilíbrio político nacional. Marca também o desenvolvimento acelerado do setor industrial, particularmente a partir de meados dos anos de 1960, a aristocratização dos padrões de consumo interno e exportações maciças¹. A produção industrial é reorganizada, com a hegemonia dos consórcios internacionais, que passam a exigir um mercado capaz de absorver os bens produzidos.

O contexto de forte aparato com vistas à ampliação da exploração do trabalho pressiona o trabalhador em todos os sentidos, a recessão é sentida, e o movimento popular tenta responder como pode, às vezes por meio de ações dotadas de forte simbolismo como os ataques a agências do governo dos Estados Unidos em Fortaleza, ou a instituições relacionadas com aquele país, como por exemplo, o Instituto Brasil-Estados Unidos no Ceará (IBEU-Ce). Valter Pinheiro logo foi atraído por estas iniciativas e é fotografado destruindo a fachada de vidro de um prédio. Essa ação seria fortemente lembrada por seus torturadores alguns meses depois.

Ao lado das reformas estruturais, têm-se a reorganização administrativa, tecnológica e financeira do país e, conseqüentemente, a introdução de novas formas de controle social e político, que possibilitassem o congelamento dos salários e assegurassem uma classe intermediária consumidora de alta renda. Dentre as estratégias utilizadas estavam a introdução de modernas tecnologias num quadro de abundância de força de trabalho, permitindo a manutenção dos salários extremamente baixos.

Em Fortaleza, os estudantes do Liceu do Ceará orquestram piquetes em frente às fábricas e recrutam jovens para integrar os grupos de resistência. Valter Pinheiro integra, neste primeiro momento, a Juventude Universitária Católica, a JUC. Enquanto jovem, as questões acerca da profissão faziam parte do cotidiano de nosso biografado,

No final do curso científico eu passei a me preparar para o vestibular. Todo jovem tem um período que não se define bem. Eu pretendia fazer engenharia química, sempre gostei de lidar com essa história de reações químicas. [...] Gostava muito de botânica, de plantas, como ainda hoje gosto. Nessa época eu fazia parte também de um grupo que era também formado por estudantes do liceu. A gente se encontrava de vez em quando e discutia política, a situação do país, o contexto internacional. Porque no período do golpe militar a situação de efervescência política revolucionária não existia só no Brasil, na França, Paris estava em chamas. Havia na Alemanha também grandes atividades políticas e a gente até achava que o poder seria tomado na França, o que a gente mais torcia. (PINHEIRO, 2019b).

O modelo escolhido pelo regime militar, além de concentrador de renda, privilegiando determinadas camadas sociais, leva o setor assalariado a permanentes perdas salariais. Noutro sentido, aumenta o poder aquisitivo das camadas média (no caso desta, apenas por um certo período, particularmente até a crise mundial de 1973) e alta, além de impor uma nova estrutura ao Estado. Esta fase pode ser caracterizada ainda pela formação dos bens de capital e pelo fortalecimento dos grupos empresariais. Em face dos conflitos no campo, resultado do período anterior, é aprovado o Estatuto da Terra, porém a desmobilização dos sindicatos camponeses os impediu de controlar a sua aplicação, sendo, nesse sentido, também esvaziados e abandonados. (CARVALHO, 1997).

A nova situação econômica gerada pelo golpe militar, exige o estabelecimento de instrumentos de controle disciplinar com o objetivo de restabelecer a ordem e a

tranquilidade, sobretudo entre estudantes e operários. É, pois para manter sua configuração básica do sistema de dominação que a propalada aliança da burguesia nacional com a classe operária e os camponeses, como idealizada pelo Partido Comunista Brasileiro, é dissolvida. Os aparelhos repressivos do Estado e os aparelhos ideológicos tornam-se, assim, mediadores dos interesses do novo regime, que, nesse contexto histórico, mais do que nunca, torna-se também, mediador dos interesses do empresariado nacional e, fundamentalmente, do capital estrangeiro. (FREITAG, 1980).

No Liceu do Ceará esse período é marcado pela supervisão atenta de agentes da ditadura. A organização em torno de temas políticos e a forte movimentação dos estudantes atraem o olhar das forças repressivas. O liceu sofre intervenção. O diretor, Boanerges Saboia, foi substituído pelo interventor Caio Locio Boteiro, que era um oficial da reserva do exército. Mesmo com a intervenção, a situação não mudou. Segundo Valer Pinheiro, os estudantes continuaram se agrupando em células de resistência, em meio também às suas lutas internas, como já frisado acima. Valter Pinheiro nesse período tenta o vestibular nas ciências humanas.

A FAFICE, Faculdade de Filosofia do Ceará² estava para ser aberta. Valter Pinheiro participava de vários grupos de discussão, um deles no Benfica, bairro onde fica a reitoria da Universidade Federal do Ceará e o Centro de Humanidades desta instituição.

No grupo que eu pertencia, inclusive participava Braudo Ramalho e o Genoíno Neto. Era um grupo no Benfica. Eu não morava no Benfica, morava nessa época já no Monte Castelo, mas eu ia devido conhecer esses companheiros. Era um bairro de grande atividade política devido ali a presença da UFC, havia muitas mobilizações. Nesse grupo, as pessoas estavam pensando em fazer cursos diferentes, e uma discursão é que seria importante a ida da gente para faculdade de filosofia. Nesse sentido fomos para a FAFICE, fizemos vestibular, eu passei para o curso de letras outros fizeram filosofia, história. (PINHEIRO, 2019b).

O início de curso de letras na FAFICE coloca Valter Pinheiro em contato com outros grupos políticos, inclusive o PC do B e alguns militantes do PORT - Partido Operário Revolucionário Trotskista. O PORT era parte de uma organização internacional³ e tinha uma atividade muito intensa no movimento estudantil. Eram responsáveis por muitos dos chamados discursos relâmpagos principalmente feitos [não só] na faculdade e na sede do Diretório Central dos Estudantes.

[...] o Genoíno chegou a ser o presidente do diretório da FAFICE, faz parte também dessa diretoria o Braudo Ramalho, eu não compus a chapa. Aliás eu não compus a diretoria porque eu fiquei numa chapa de oposição porque nessa época da FAFICE eu comecei a entrar em contato com um grupo chamado de Guarda Vermelha. (PINHEIRO, 2018).

Apresentado às correntes de cunho marxistas nosso biografado inicia os primeiros passos do que podemos dizer ser sua práxis de vida, a orientação trotskista,

O grupo da Guarda Vermelha era de orientação trotskista, eu não tinha noção nenhuma dessas tendências. Inclusive quando eu entrei na faculdade, comunista para mim era tudo igual, não tinha essa história de trotskista, de stalinista ou de marxista-leninista, eu não fazia essa diferença. O pessoal da Guarda Vermelha se aproximou de mim e começamos a discutir, achava o trabalho deles muito interessante porque eu estava nessa época ávido por leitura, eu queria entender o marxismo, queria entender a luta revolucionária. Eu tinha uma vaga noção - falta de leitura inclusive - do que tinha sido mesmo a revolução socialista na Rússia e nessa época eu estava começando ter minhas leituras de autores marxistas e principalmente lendo Trotsky, Rosa Luxemburgo, Isaac Deutscher, que escreveu uma biografia do Leon Trotsky. (PINHEIRO, 2018).

O dirigente do grupo era Gilvan Rocha que não era aluno da FAFICE, que era conhecido no grupo por codinome. Valter Pinheiro viria a saber seu nome apenas meses depois durante os interrogatórios. O convite para integrar o grupo partiu de colega do curso, Oswaldo Bezerra, e seria estendido a Socorro Diógenes, companheira de luta revolucionária e partícipe das memórias de Valter Pinheiro mesmo anos depois. Com a intensificação das lutas, o grupo cresceu não apenas na FAFICE, mas também em algumas categorias de trabalhadores, como os bancários por exemplo, além de ter atuação entre os funcionários públicos também.

Em contraponto à forte resistência ao regime, o governo, desde 1964, lançava mão dos chamados Atos Institucionais⁴. Para Jaguaribe, o poder conferido pelos atos institucionais aos governos militares, permitiu, uma relativa tranquilidade para desenvolver políticas de combate à recessão baseadas no arrocho salarial, haja vista que as medidas autoritárias minimizavam as possibilidades de resistência das classes trabalhadoras. (JAGUARIBE, 1979).

Mesmo após a decretação do AI-5, que anunciou o definitivo fechamento do regime, os estudantes da FAFICE se organizam politicamente. Com a ampliação da Guarda Vermelha, surge o MCI – Movimento Comunista Internacionalista. Esse grupo já extrapolava o movimento estudantil. Nesse período, Valter Pinheiro trabalhava no Banco da Bahia e panfletava em fábricas têxteis e de beneficiamento de castanha em Fortaleza.

Bom, o fato é que o MCI era composto pelo Pamplona, o Júlio, o Gilvan Rocha. Eu estou citando aqui os nomes verdadeiros, né, [...] no tempo, na época conhecíamos por pseudônimo, codinomes. Eles entraram em contato com organizações ou militantes em São Paulo, Rio, Minas, Pernambuco, o Gilvan Rocha veio inclusive, das ligas camponesas de Pernambuco. A tendência era o MCI se expandir nacionalmente. (PINHEIRO, 2018).

Como sabemos, as organizações de esquerda, mesmo sob o severo reinado da Ditadura, apresentavam diferenças, às vezes, profundas entre elas e, não raro, divergências dentro do mesmo agrupamento, numa história de muitas rupturas. O fato é que o MCI se dividiu.

O MCI prosseguiu com a direção do companheiro Gilvan Rocha que era conhecido por Cassiano, um pseudônimo. Eu e Maria do Socorro Diógenes e mais alguns companheiros achamos que não tínhamos motivo para ficar num grupo, numa dissidência ou noutra, e rompemos. Depois desse rompimento, acredito que não chegou a dois meses fomos contactado por companheiros do PCBR que havia na faculdade. O PCBR era uma organização dissidente do PCB, fazia pouco tempo que eles estavam em Fortaleza, vieram principalmente de Pernambuco. Fomos contatados pelo companheiro Odijas que conhecíamos pelo codinome de Baiano. O PCBR não era um partido assim fechado, lá dentro havia trotskistas, havia stalinistas, havia uma discussão interna muito boa. Passamos a ter uma militância pelo PCBR e continuamos com atividades no movimento estudantil, como eu já era bancário, me fizeram a proposta de ficar também no movimento sindical. A Socorro Diógenes também continuou a atividade dela no movimento estudantil, no começo de 69 nós já estávamos aqui fazendo atividades de discursos relâmpagos em vários setores, inclusive durante missas, agente entrava nas igrejas e lá a gente aproveitava o momento e fazia. Um companheiro que mais facilidade, né, de oratória tinha lá seus 30 ou 45 segundos pra fazer intervenção rápida denunciando o que estava acontecendo no país. Outros camaradas ficavam nas portas das igrejas, eu inclusive. Fazíamos discurso relâmpago em ônibus, e também tínhamos atividades em praças, como panfletagens. (PINHEIRO, 2019b).

As formas de resistência dos jovens de 1964 eram compatíveis com o contexto de aniquilação das liberdades: eram atividades clandestinas, que requeriam organização e formação política. Os discursos relâmpagos tinham conteúdo de fácil compreensão pela população e exigiam eficiência ao serem propalados na urgência do ato. A expressão da juventude em vários tempos e lugares revelam seu ímpeto desta. Num paralelo, em nossos dias, podemos acompanhar a ida dos estudantes às ruas, com suas faixas, cartazes, bradando suas discordâncias frente aos cortes na educação feitos pelo governo Bolsonaro (maio de 2019). As pautas, como podemos perceber, extrapolam o viés da educação. Mais uma vez, a juventude enxerga longe, percebe nas entrelinhas das amarras dos poderes a prisão do ex-presidente Lula como pauta ligada diretamente as questões postas pela educação, haja vista estar intimamente ligada ao estrangulamento de nossa jovem democracia. A democracia hoje atacada pelo golpe contra a presidenta Dilma Rousseff (2016), custo caro à juventude de 64, que, mesmo sem uma articulação mais ampla, lutou de todas as formas para restaurar o contexto democrático vivido antes do golpe de 1964. Valter Pinheiro sabe bem disso, teve pele e alma marcados por pensar diferente.

No horário em que eu estava no banco, alguns camaradas resolveram fazer discurso relâmpago em um ônibus e nessa ocasião quando eles estavam saindo do ônibus surgiu uma viatura da polícia ou do exército. A informação que eu tive é que eles perderam o controle, começaram a atirar e caíram. A partir da queda do PCBR aqui em Fortaleza começaram a ocorrer outras quedas. Na mesma noite da queda do PCBR um camarada foi a minha casa e me alertou, levou inclusive o revólver que estava em meu poder, um 38 que era da organização e também fez retirada de todo

documento interno, livros e panfletos que houvesse em casa. (PINHEIRO, 2018).

Para conter qualquer resistência ao novo regime, as forças armadas ocupam o Estado, as classes populares são excluídas da participação política e econômica e impedidas de quaisquer movimentos reivindicatórios. Os aparelhos repressivos assumem o controle dos sindicatos, meios de comunicação, escolas, quando não os fecham. Dos setores beneficiados com a “nova ordem”, além da burguesia nacional - subordinada à burguesia internacional, são cooptados setores da classe média, colaboradores do novo modelo. A burguesia nacional compartilha com as multinacionais os lucros e aos setores médios cooptados são asseguradas altas remunerações, tornando-se os consumidores em potencial dos bens de consumo produzidos. (FREITAG, 1980). O esquema que não resistiu, contudo, aos abalos na economia mundial que ocorreram em torno de 1973 com a chamada crise do petróleo. Ao final de 1968, encontramos um país em recessão, possuidor de uma radical concentração de propriedades, capital, renda e mercado, grande quantidade de falências de pequenas empresas, dificultando a ascensão prometida às classes médias via poupança. (FREITAG, 1980).

Quanto aos sindicatos, Carvalho (1997) chama atenção para o fato de que, no período de 1964 a 1970, foram efetuadas inúmeras intervenções em entidades sindicais, sendo a maioria apontada como organizações subversivas. Em contrapartida, o estudante torna-se o porta-voz ideológico de uma luta de classes a favor dos oprimidos, que desencadeou novas ações ditatoriais, agora dirigidas à universidade (reforma do ensino superior, em 1968), para logo depois dirigir-se ao ensino de 1º e 2º graus (Lei 5.692, profissionalização do ensino médio, no ano de 1971), dentre outras.

O ingresso de Valter Pinheiro no PCBR e sua participação em atividades da militância coincidiram com a edição do AI-5 e com a segunda fase de expurgos promovidos pela Ditadura. Fase que ficaria registrada na história do país como a mais violenta. Violência nas prisões, nos inquéritos, nos processos e na tomada de depoimentos. Naquele momento, os militares no governo criaram condições para uma limpeza maior do que a de 1964. Embora a maioria dos expurgos de professores tenham sido nas universidades, houve também prisões de professores de escolas do secundário e de militantes sindicalizados, como é o caso do “sequestro” de Valter Pinheiro. Nesse segundo episódio, nosso personagem se encontra com aqueles que liquidaram a democracia incipiente.

A primeira vez que fui sequestrado - esse é o termo que nós devemos usar - fui sequestrado pelo DOPS. Eu era estudante da UECE⁵ e como eu já falei também era bancário. Uma certa madrugada eles chegaram batendo no portão e não esperaram muito tempo, resolveram pular o muro da casa onde eu morava, morava com meus pais nessa época. Ninguém sabia o que estava acontecendo, eu suspeitava é claro, mas meus pais não sabiam que estava acontecendo. Quando meu pai abriu a porta, eles disseram que haviam recebido uma denúncia de farto material subversivo. O que não era verdade, eu havia guardado em casa, por um certo tempo, um revólver

trinta e oito, que era de propriedade da organização, e tinha algumas garrafas em casa pra fabricação de molotov, mas tudo isso já havia sido retirado com antecedência, assim como os livros que faziam referência ao partido. Em casa ficaram apenas livros de literatura comunista, mas que eram encontrados naquele período em qualquer lugar. E mesmo assim não era um fardo material subversivo. (PINHEIRO, 2019b).

Como afirma Motta (2014b), “[...] a preocupação em desfazer-se dos livros comprometedores não era injustificada, pois se sabia que os policiais sempre ‘varejavam’ as estantes dos suspeitos em busca de evidências de subversão.” Levado para o 23º Batalhão de Caçadores, Valter Pinheiro ficou no confinamento incomunicável por cerca de 72 longas horas, que foram sucedidas pelos interrogatórios durante a madrugada.

O responsável por esse interrogatório foi o Major Alfredo. Que, diga-se de passagem, pelos menos com relação a mim, o Major Alfredo não foi um inquisidor violento. Durante o interrogatório, alguns agentes do DOPS ficavam atrás de mim e a cada negativa minha em reconhecer algum integrante do grupo, eles gritavam “entrega esse filho de uma puta que a gente aviva a memória dele. Nós sabemos como fazer a memória retornar”. Após, o que penso ser uma negativa do major, o mesmo mandou me recolherem a cela, de onde eu saíria novamente na madrugada seguinte para novo interrogatório. (PINHEIRO, 2019a).

A condução do primeiro interrogatório – sem violência física, embora [demasiadamente] repleto de tortura psicológica – deu a Valter Pinheiro a oportunidade de pensar na melhor forma de se proteger, e proteger os integrantes do grupo. No segundo interrogatório, os agentes estavam de posse de fotos que teriam sido tiradas durante um ato no centro de Fortaleza, uma caminhada dos estudantes universitários. Uma das fotos mostrava Valter Pinheiro de costas, empunhando um guarda-chuva na tentativa de quebrar a vidraça de uma entidade que tinha relações com os Estados Unidos.

O Major Alfredo mostrou a minha foto e perguntou: e esse aqui quem é? Eu disse conheço não. Aí ele disse – não conhece? É muito cinismo. É você. Falei: pode parecer comigo, mas não sou eu. Nesse momento os agentes do DOPS começaram a falar alto: Vamos levar ele para cima que aí ele fala. E então o major Alfredo disse – ele está sobre a minha responsabilidade, eu não vou transferir pra vocês não. Nisso eu passei ainda incomunicável uns dez dias, até que numa noite me tiraram da cela e me levaram pra uma sala onde os indivíduos que estavam lá se identificaram como sendo agentes da DOPS. Eu fui encapuzado ainda na cela, e lá começou uma seção de pancadaria. Eles queriam saber o paradeiro da Socorro Diógenes. Após a pancadaria, me levaram para a cela, e durante o resto da noite, como nas outras, eles passavam pelo corredor com as armas, batiam nas grades, invadiam a cela mandavam me despír e faziam buscas. Ficava muito tempo despido, de pé, de frente para a parede. (PINHEIRO, 2019b).

A violência psicológica vivida por Valter Pinheiro foi uma constante nos rituais de tortura durante o regime ditatorial no Brasil. O rito de entrada na cela nas madrugadas para busca por material, com o preso despido, parece absurdo [para a condição de alguém que está preso, sem contato com o mundo] mas é totalmente coerente com a lógica da violência psicológica. Para além das marcas da violência física, a violência psicológica deixa ranhuras profundas no indivíduo. Durante o período em que ficou preso pela primeira vez, a violência física ficou circunscrita à “pancadaria”, palavra utilizada por Valter Pinheiro para designar chutes, socos e tapas. Essa realidade iria mudar em sua segunda prisão, realizada em 1973, momento em que a violência física foi indiscriminadamente utilizada nas práticas de tortura.

Mesmo sendo uma prisão arbitrária, sem mandato, Valter Pinheiro ficou preso por aproximadamente trinta dias, como já frisado acima, característica deste segundo período de expurgos. De início, ficou encarcerado no 23º BC, e depois encaminhado para uma outra unidade do Exército, chamada de Subsistência do Exército, no bairro Dias Macêdo, também em Fortaleza.

Como sabemos, a violência estatal não ficou circunscrita àqueles que ousaram pensar diferente do regime posto, as famílias foram violentadas no seu direito à informação. A arbitrariedade das prisões expôs as famílias à tortura das mais perversas, à violência psicológica. Durante o período em que ficou preso, os pais de Valter buscaram notícias suas diversas vezes no 23º BC, após serem avisados por um soldado, que seu filho estava preso naquele batalhão. Nunca foi dada nenhuma informação sobre sua prisão, a resposta às interpelações dos pais era sempre a mesma, de que não havia ninguém com aquele nome preso naquele comando. Como sintetiza Soares e Araújo, em cada parte do país, as ações governamentais vão no sentido de conter os movimentos sociais, ao tempo em que prossegue desempenhando as políticas econômicas já iniciadas na década de 1960. O Estado, como financiador do setor privado,

[...] por via direta, via subsídios e incentivos, ou indireta, como no caso dos contratos armamentistas e das concessões de serviços públicos), aqui se inclui a expansão da educação de caráter privado; E, ainda, assumindo o papel de investidor de políticas sociais, mediante políticas fundamentalmente compensatórias, voltadas, sejam para responder aos problemas sociais decorrentes da economia de mercado, seja aqueles cuja economia de mercado não se encontra capaz de resolver. (SOARES; ARAÚJO, 1994, p. 76).

Após ser solto, pela falta de evidências que o condicionassem ao cárcere, sem trabalho, demitido do Banco da Bahia, Valter Pinheiro retomou suas origens acadêmicas, no exercício profissional na educação, no ensino médio e superior. É justamente nesse momento, após sua primeira prisão, que Valter Pinheiro, já licenciado em Letras, ingressa como professor da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, que se localizava no interior do Ceará, na cidade de Limoeiro do Norte, passando a conviver, ironicamente, com os conservadores da Igreja que dirigiam a instituição,

Nesse período fui indicado por uma irmã de caridade que era minha colega no curso de letras e também fazia parte do meu grupo de estudos de francês na FAFICE (hoje Centro de Humanidades da UECE) para uma vaga na FAFIDAM. Ao ser indicado, no começo de março de 1972, viajei para Limoeiro do Norte, acompanhado do Prof. Rogério Bessa, que era o coordenador do Departamento de Letras da FAFIDAM. Ele era professor de Linguística. (PINHEIRO, 2018).

A carência de professores na área de francês era enorme. Logo após a conversa com o diretor, minutos depois de ter chegado à cidade, o professor Valter Pinheiro foi encaminhado para conversar com uma das turmas que aguardava por um professor de francês. Bem acolhido entre os alunos, o entusiasmo - sentimento que, após o cárcere e a tortura ficou represado – retoma seu lugar na vida de Valter Pinheiro, um apaixonado pelo estudo da língua. Mais tarde, Valter Pinheiro iria constatar que o conservadorismo que encontrara nos livros adotados no estudo do francês, não estava presente apenas no currículo prescrito da faculdade, mas nas práticas cotidianas. A contratação, no entanto, demorou um pouco, fato curioso para uma direção que primava pela organização e estabelecimento da ordem e cumprimentos dos deveres. Constatamos que a direção teve acesso as informações sobre a prisão, e mesmo não tendo voltado às suas atividades de militância após a prisão, o professor estava longe de ser considerado candidato ideal à vaga de francês, haja vista a disseminação de ideias sobre as atividades da esquerda.

Fragilizado após a prisão, Valter Pinheiro não utilizou a sala de aula para as atividades de militância, a brutalidade da tortura física e, principalmente a tortura psicológica, cumpriram seu papel de desorientação do indivíduo. Desta forma, desenvolveu suas atividades docentes longe das ideias em que acreditava e com muita discrição. Valter Pinheiro narra que no convívio com os colegas, durante o intervalo das aulas, não houve sequer uma vez um comentário sobre a situação política do país, as conversas giravam em torno de ambiguidades.

A convivência com a direção quase não existia, em raras ocasiões Valter Pinheiro foi chamado à sala do diretor. Nestas ocasiões, a conversa nunca era banal, sempre para tratar de assuntos de extremo interesse da direção, como esclarece ao falar da experiência docente:

Foi uma experiência difícil e apreensiva. Minha primeira experiência em sala de aula como professor de alunos universitários. Havia acabado de concluir o curso de Letras. Gostava muito de francês e tinha certo domínio. Mas sabia que isso não era bastante. A experiência conta muito. Estava praticamente desempregado, havia saído recentemente da primeira prisão, emocionalmente instável, inseguro. Não tendo conhecimento de práticas pedagógicas para o ensino universitário, resolvi improvisar. Passei a reservar uma aula só para conversação, e para isso, levava textos com letras de música e LPs de cantores que faziam sucesso, na época, no Brasil. Ouvíamos ALINE, JE NE T'AIME PLUS dentre outras canções de CHRISTOPHE, PARIS EN COLÈRE cantada por Mireille Mathieu, além de letras de música de Charles Aznavour, Gilbert Bécaud. Utilizava letras de música de construção simples. Testava a percepção de palavras ou

frases inteiras e trabalhávamos a construção de frases; estudávamos os verbos que apareciam nas letras e, dentro do possível, ouvia a opinião deles sobre as músicas (em francês, é claro!). (PINHEIRO, 2019b).

O método utilizado por nosso entrevistado em suas aulas se contrapunha em muito ao utilizado por seus colegas de trabalho. A preocupação da direção não repousava apenas no método escolhido pelo professor Valter Pinheiro, e sim, nos assuntos que as aulas – por tratarem de conversação de tema extracurriculares – poderiam suscitar. A estrutura da FAFIDAM possibilitava bem o controle sobre as aulas, as paredes frontais das salas de aula que estavam de frente para o pátio interno da faculdade inexistiam. No seu lugar ficava um imenso pórtico que expunha aos olhos de todos as atividades que se passavam dentro da sala. Embora não tenha escolhido fazer da atividade docente militância de esquerda, o professor, pela própria história de vida, estava longe de se enquadrar no perfil adotado pelos demais colegas de profissão daquela instituição, alguns inclusive ex-militantes, mas que haviam incorporado, sem grandes perdas, o conservadorismo do lugar, a exemplo, Luiz Cruz, companheiro de Valter Pinheiro na militância, aposentado pela Universidade Estadual do Ceará em 2010. Embora, nosso biografado diga que naquele momento não tivesse condições psicológicas para militar (efeitos da tortura), sua prática de sala de aula estava repleta de suas convicções políticas, ao oportunizar um espaço de participação ativa do aluno no processo ensino-aprendizagem.

Após um ano lecionando francês na FAFIDAM, em 1973, Valter Pinheiro foi novamente preso, como frisado acima. Já casado e sem militar no MCI desde a primeira prisão, foi novamente sequestrado, desta vez diante de sua família. A motivação para a detenção teria sido a rádio ouvida pelo professor Valter Pinheiro. Os agentes do DOPS encontraram um rádio sintonizado na rádio Moscou e concluíram, a partir disto, sua participação em atividades subversivas, justificando assim o seu segundo sequestro:

Eu não era mais militante dessa organização, o MCI. Mas alguém do MCI citou meu nome e citou como sendo ainda militante. Ao meio dia, quando eu estava me preparando para viajar para dar aula em Limoeiro do Norte, chegaram três indivíduos lá na minha casa, nessa época eu estava recém-casado, morava no Monte Castelo na rua Casimiro de Abreu. Eles falaram que tinham ordem de fazer uma busca. Minha situação ficou mais complicada, porque eu tinha um rádio que eu escutava para ter informação do que acontecia no país. Eu escutava a rádio Pequim, Moscou, Havana, rádio difusão francesa. E havia muitos livros na minha casa de autores marxistas e também alguns cartazes, uma máquina de escrever onde eu preparava meus trabalhos pra (sic) faculdade, e eles levaram tudo, levaram máquina, livros. (PINHEIRO, 2018).

Nesse momento, com as forças mais reacionárias consolidadas no poder desde o AI-5, a ditadura exacerbada não pouparia Valter Pinheiro como na primeira prisão. Valter descobriria rapidamente que essa prisão seria longa e que os torturadores haviam aprimorado suas técnicas.

Fui levado para a Polícia Federal. Fizeram o primeiro interrogatório com três ou quatro dias depois que eu cheguei lá, estava de molho na cela. E foi a mesma história. Conhece este e aquele, neguei tudo. Menos aqueles que tinham sido meus colegas de faculdade, dizia, este eu conheço fizemos toda a faculdade juntos, mas os demais companheiros eu negava. [...]nunca, em momento algum, cheguei a dizer que reconhecia aqueles companheiros como pertencente a uma organização. (PINHEIRO, 2018).

Nesse terceiro episódio, nosso biografado é apresentado à face mais perversa de destruição da democracia: ele conheceria os porões da ditadura, onde nenhum lampejo de pensamento democrático jamais ousou surgir, onde a noção de tempo se perde a cada nova tortura.

Me levaram pra (sic) fora de Fortaleza. Percebi que era fora da cidade, porque a viagem demorou muito, atravessamos provavelmente um riacho pois havia barulho de água. Quando chegamos, eu estava encapuzado ainda, disseram – vá logo tirando tudo, fiquei despido amarrado. Depois de novas perguntas, amarraram minhas mãos, os meus pés, e aplicaram eletrodos nos mamilos, pescoço, língua, pênis, testículos e nos lóbulos das orelhas. Começaram uma seção de pancadaria, seguida de choque elétrico. Como não conseguiram nada, eu não dei as informações. Numa terceira noite me levaram para um andar superior lá dessa casa, eu sei porquê havia uma escada com degraus, possivelmente de madeira. Me colocaram numa mesa e amararam de novo. E começaram a dizer. Vá logo citando aí quem você conhece, um vizinho, qualquer pessoa que seja suspeita. Eu falava, não conheço ninguém. Nesse momento eles disseram: para ele tem que ser aquela situação. E alguém falou, doutor o que a gente faz? E a voz respondeu. Vamos levar para castração e ele vai se lembrar de tudo. Me colocaram numa outra mesa, amarrado e jogaram água gelada na minha genitália. Um deles falou que eu era recém-casado. Então começaram a fazer insinuações. – você está aqui? recém-casado? Você sabe, tem noção do que sua esposa está fazendo a essa hora? E ficaram nesse tipo de baixaria, esse tipo de piada e então voltaram às perguntas. Eles diziam nós somos do CCC de Pernambuco e vamos cuidar de você. Doutor a gente começa a castração? Alguém respondeu, vamos dar uma chance a ele, aplica a anestesia e durante o efeito da anestesia ele vai falar, ele não vai querer sair daqui castrado, recém-casado, castrado, capado. E aí aplicaram alguma coisa, eu já estava com muito frio e dormente, devido o gelo e não senti mais nada, nesse momento eu apaguei, simplesmente apaguei e quando eu fui retornar, já estava de volta na sede da Polícia Federal. Fiquei apavorado, sem coragem de tocar minhas partes e não tinha coragem de olhar se realmente eles tinham cumprido a ameaça de me castrar e capar. (PINHEIRO, 2018).

O medo decorrente da crueldade e violência da tortura somente deu lugar a outros sentimentos quando o professor Valter Pinheiro encontrou outros amigos que, bem mais do que ele, apresentavam sinais profundos da tortura,

Logo quando cheguei, na primeira noite – após os dias de tortura - na carceragem da Polícia Federal, eu fui para uma cela onde haviam presos de língua espanhola que eu não fazia ideia do envolvimento deles. Alguns

tentaram falar comigo e eu me fechei, não ia arriscar de haver entre eles provocadores ou infiltrados, eu sempre matinha essa linha de não me abrir para estranhos. Na cela ao lado ficava o Oswaldo Bezerra, ele me viu, reconheceu, e ficava fazendo gestos, apontando para a barriga dele, indicando que havia sido muito torturado. Foi quando me mudaram de cela que vi o Joaci Tavares, ele estava num estado que a gente pode chamar de catatônico, o rosto todo deformado, cheio de manchas, os braços inchados, simplesmente ele olhava numa direção, não pestanejava, e ficava sempre em pé. A tortura foi pesada. [...] o fato é que depois disso, nós fomos liberados. (PINHEIRO, 2019b)

Ao retornar à faculdade, Valter Pinheiro foi demitido. Nacionalmente, a repressão e a demissão dos docentes das instituições de ensino superior se perfaziam pela militância e/ou desenvolvimento de ideias comunistas no interior das universidades ou fora delas. Em Limoeiro do Norte, em se tratando de Valter Pinheiro, esse contexto não se aplica. A postura do entrevistado de se abster da militância na FAFIDAM já diz sobre este fato. Não houve sequer menção de outro docente sobre alguma atividade de militância de sua parte, nem dentro nem fora da faculdade, o que nos leva a concluir que a direção utilizou a prisão do professor como motivo para demissão, o que corrobora a análise já realizada por Motta (2014b):

[...] muitas pessoas foram demitidas mesmo sem provas e, pior ainda, mesmo após absolvição judicial. [...] Ao contrário dos inquéritos que tramitaram nas Justiças Militar e Civil, os processos de expurgo no serviço público não respeitaram o devido direito de defesa dos acusados, afastados a partir da presunção de serem subversivos ou corruptos.

De acordo com o autor, os expurgos do serviço público não respeitavam os direitos dos acusados, o que era compatível com o regime imposto. No entanto, no caso do professor Valter Pinheiro não houve qualquer indício de nenhuma atividade que sequer lembrasse ou fizessem menção às ideias comunistas. O que de certa forma revela uma atitude proativa dos dirigentes da FAFIDAM, em sintonia com a Ditadura.

Ainda segundo Motta (2014b), quando os mecanismos utilizados para expurgar os professores dos cargos não funcionavam, o mecanismo administrativo do abandono do cargo serviu como estratégia para manter por meios indiretos, os “indesejáveis” fora das universidades. O estratagema era manter forte pressão sobre os alvos, conservando-os na cadeia ou obrigando-os à clandestinidade, de maneira a impedir seu comparecimento ao trabalho.

Apesar de ter sido preso e ficar retido sem provas por mais de um mês, e após voltar às suas atividades, ter sido demitido, consideramos que a prisão do professor não foi construída diretamente por se enquadrar enquanto oposição ao governo. Os dirigentes da FAFIDAM, embora bebessem da fonte que supria a ditadura civil-militar, não mantinham relações diretas com o aparelho repressivo do regime. O caso da demissão de Pinheiro parece evidenciar que as relações indiretas dos dirigentes da FAFIDAM com as instâncias estaduais do regime (sobretudo com o Governo do Estado, ao qual a faculdade estava vinculada) tinha

por mediação o zelo pela preservação da ordem, da moral e do próprio conservadorismo da cidade de Limoeiro do Norte. A faculdade foi criada em plena ditadura militar, numa região dominada pela face mais conservadora da igreja, o do Vale do Jaguaribe, onde fica a cidade de Limoeiro do Norte.

Relatando o regresso à faculdade, após a segunda prisão, forçado pelas circunstâncias, Pinheiro lembra que o longo percurso entre Limoeiro do Norte e Fortaleza, era repleto das lembranças da tortura,

Ao sair do cárcere estava emocionalmente abalado. Até tive vontade de desistir de retornar a Limoeiro. Mas o Padre Freire soube da minha liberação e deu grande apoio para eu retornar, mas advertiu que muitos professores e a própria direção já tinham tomado conhecimento da minha prisão. Na primeira noite do retorno eu estava num estado emocional tal, que não sabia o que dizer para meus alunos, minha voz tremia, de vez em quando tinha lapsos de memória, parava a aula e ficava pensativo, a ponto de uma aluna chegar para mim e perguntar se eu estava passando mal. Durante a viagem a Limoeiro tinha sempre a impressão de que o ônibus seria parado e eu seria sequestrado. Na sala de aula olhava frequentemente para a porta, achando que agentes da repressão poderiam chegar a qualquer momento para me levar. (PINHEIRO, 2019b).

A tortura psicológica vivida no cárcere e a pressão do retorno à FAFIDAM – instituição que emanava conservadorismo – fizeram desse momento [de retorno] um difícil processo. O esforço e as dificuldades vividas para prosseguir com suas atividades, apesar do momento, foram aprofundadas quando lhe foi exigido comparecer à sala da direção. O braço conservador e tradicionalista da instituição iria ser sentido após esse convite. Apesar de não ter dúvidas com relação ao tipo de caráter institucional da faculdade, haja vista ter um cônego como diretor, Valter Pinheiro não tinha motivos para achar que seria demitido. Primeiro, porque não havia indícios de atividade de militância em Limoeiro do Norte, segundo, pelo arbítrio de sua prisão.

Logo na primeira noite do meu retorno, fui chamado à sala do Cônego, que me falou que já sabia de tudo que acontecera e quem realmente eu era. Foi então que me disse não ser do seu interesse manter em **sua faculdade (grifo do depoente)** um elemento subversivo; que eu teria meu contrato rescindido logo após o término do semestre letivo. No entanto, se travestiu de santo pastor cristão e disse que não constaria no documento de rescisão a causa da demissão. Ouvi tudo em silêncio e me retirei. Quero deixar bem claro que, em momento algum, fui hostilizado por colegas, professores ou por alunos, embora não tivesse recebido um só aperto de mão de solidariedade, exceto do Freire, que, por sinal, já estava abandonando a batina. (PINHEIRO, 2019b).

O grifo feito pelo entrevistado ilustra o grau de propriedade utilizado pelo diretor da instituição – o Cônego Misael Alves de Sousa, que num diálogo rápido declarou ao professor que não permitiria um comunista entre os professores, deixando claro “não ser do seu

interesse manter em **sua faculdade (grifo do depoente)** um elemento subversivo. Percebemos que mesmo passados mais de 40 anos, o pronome possessivo utilizado pelo diretor ainda ressoa nas lembranças do professor Valter Pinheiro.

Durante a conversa, o Cônego Misael Alves de Sousa informa ao professor Valter Pinheiro que a demissão seria efetivada sem registro de justa causa. Como o Cônego iria justificar a demissão do professor? Que atividades subversivas o professor Valter Pinheiro evidenciou no interior da instituição? Concluimos que, se tomada a atitude de demiti-lo por justa causa, o cônego atestaria - com o registro documental para a história, o grau de conservadorismo com que dirigia a instituição. A ação do diretor enfatiza o conservadorismo da região, confirma a ligação com o projeto educacional de Limoeiro do Norte com a ditadura civil-militar e confirma as práticas veladas utilizadas no interior da instituição.

Derrotadas nos processos eleitorais que ela mesma controlava, desde as eleições de 1974, a Ditadura foi levada a uma certa distensão. No entanto, os últimos anos do Regime Militar preservaram a concentração autoritária de poder. A conquista das liberdades democráticas exigia, não só o afastamento dos militares, mas a devolução da palavra ao povo por meio da convocação de eleições diretas para presidente. (CUNHA, 1991).

O esgotamento do Regime, mas a relutância das elites em abrir mão do controle autoritário do Estado resultou na derrota do movimento pelas Diretas (1983-84) e o encaminhamento da sucessão dos generais por meio do velho recurso às eleições indiretas em um Colégio Eleitoral, no que a sabedoria popular chamou de “transição transada”. O desencadeamento deste processo se deu com a liderança do PDS – partido da base de sustentação do governo militar, culminando com a vitória do candidato da oposição conservadora à Presidência da República, Tancredo Neves, que acabou morrendo antes de assumir e deixando o governo para o vice na sua chapa, José Sarney.

As eleições diretas só viriam em 1989, quando o candidato da direita, Fernando Collor venceu o candidato do Partido dos Trabalhadores, Luís Inácio Lula da Silva, embora com uma pequena margem de diferença, tendo inclusive votos entre os membros dos setores mais pobre e mais desassistidos pelas políticas sociais. Como vemos a “transição para a democracia” parece nunca se completar, na medida em que, encerrado o período militar, a condução seguiu nas mãos das alas mais conservadoras. Foi no curso destes fatos que marcaram a transição dos governos militares para o que se chamou Nova República que Valter Pinheiro retomou sua militância política, tendo atuado longamente no seio do movimento sindical dos professores e do Partido dos Trabalhadores, do qual se afastou anos depois.

APRENDIZADO HISTÓRICO: EDUCAÇÃO E JUVENTUDE

Para além do contexto de entraves na educação que empurrava a juventude de 1964, evidenciou-se a consciência política desses jovens, frente ao modelo esmagador capitalista

– reconhecer o inimigo por trás dos atos da ditadura – foi imprescindível à luta durante a ditadura de 1964.

Compreendemos, a partir da história de vida de Valter Pinheiro, que as instituições escolares pelas quais nosso biografado passou, como estudante e professor, foram não apenas importantes para sua formação política, mas também se apresentavam de acordo com as pautas impostas por seus dirigentes. O Liceu, local de plena efervescência intelectual durante a década de 1960, possibilitou uma formação ao seu quadro estudantil para além do corporificado no currículo. A organização estudantil desenvolvida no interior dessa instituição possibilitava a troca de ideias e reflexão sobre os marcos sociais daquele período. A escola secundária do subúrbio de Fortaleza, onde nosso biografado iniciou sua carreira como educador, lhes permitia uma liberdade de execução das aulas.

No entanto, a Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, lugar onde a pluralidade de ideias deveria ser o marco do pensamento intelectual – por suas próprias origens eclesiásticas, do lado mais conservador da igreja – teceu sobre Valter Pinheiro um invólucro mordaz quando o demite tendo como base sua prisão. Nesse ato a instituição o agride como ser humano, assim como o fizeram os torturadores, tirando-lhe a capacidade de convívio de um espaço onde não apenas foi exímio educador, de onde necessariamente sustentava sua família.

Necessário dizer que os colegas de trabalho do biografado, hoje são aposentados da Universidade Estadual do Ceará, universidade em que a Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos viria a ser incorporada, tal possibilidade foi retirada de Valter Pinheiro, ou seja, além de ter sido alvo das formas mais devastadoras tortura – física e psicológica – nosso biografado também foi punido socialmente quando foi impedido de prosseguir na carreira docente. Diferente de outras instituições de ensino superior, em que os quadros docentes foram reintegrados após os anos de chumbo – lógico que esse fato não foi regra – na FAFIDAM, os colegas de trabalho de Valter Pinheiro não exigiram seu retorno ou se quer mobilizaram-se nas garantias de reenquadrá-lo no convívio acadêmico de onde foi expurgado pelo braço conservador da igreja.

Anos após a abertura política, nosso biografado tem novo encontro com a fragilidade democrática. A Comissão de Anistia reconhece que nosso personagem tem direito a uma reparação vitalícia, no entanto a reparação não chegou a ser feita tomando como base o salário de um professor do ensino superior (no caso, da Universidade Estadual do Ceará). A Comissão declarou não ter conhecimento da passagem do professor pela Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos⁶. Para tanto, a reparação foi possível porque o professor Valter Pinheiro guardava o seu contrato de trabalho, bem como seu cancelamento no ato de sua saída da prisão.

Esse fato nos leva a Ricoer (2007), em seus escritos sobre esquecimento e perdão. Para nós, o fato de, até o momento, com setenta e cinco anos, Valter Pinheiro ser um militante – militando hoje em escolas, contando a história da ditadura – realça o processo de

busca pelo seu direito, no horizonte descrito por Ricoer (2007, p. 426), o horizonte de uma memória apaziguada, onde esquecimento e perdão se cruzam, cada um no interior de suas problemáticas: “[...] no caso do esquecimento, a da memória e da fidelidade ao passado; no do perdão, a da culpabilidade e da reconciliação com o passado.”

O direito à reparação vitalícia foi concedido pela Caravana Nacional da Anistia em 2009, na Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Depois daquele momento, Valter Pinheiro retoma a militância, faz parte de um grupo de ex-presos políticos e participa do reconhecimento dos lugares de tortura, como a “casa dos horrores”, que ficava na Fazenda Trapiá em Maranguape, município da região metropolitana de Fortaleza, onde ocorriam torturas durante a ditadura de 1964. Sua militância é o reflexo da não reconciliação com o passado e, assim, da resistência como uma forma de memória. “[...] lembrar-se é, em grande parte, não esquecer.” (RICOER, 2007, p. 451). Podemos dizer que o perdão aos torturadores, imposto aos torturados, pela Lei de Anistia, foi, naquela circunstância, uma estratégia de impor o esquecimento às forças que se puseram em movimento pelas relações de poder postas nos anos de chumbo. Contudo, a resistência se mostrou, mais uma vez, como uma forma de memória.

Desta forma, a memória traz caminhos incertos a serem percorridos, e podem levar a sensações e sentimentos pouco convidativos, no entanto, este mergulho no passado e na memória, na busca da história, podem levar a acontecimentos vistos sob novas perspectivas. (THOMPSON, 1992). Nessa ótica, Valter Pinheiro fala da clareza da juventude de 1964.

Naquele período haviam as discussões com muita frequência, havia a preocupação com eleições também, mas a preocupação predominante era justamente a derrubada do capitalismo, nós tínhamos inclusive leituras e discussões sobre os movimentos internacionais, como o que houve em 1968 na França e também havia a questão da Nigarágua, a juventude estava alerta para tudo isso. (PINHEIRO, 2020).

Segundo nosso entrevistado, a juventude de 1964 possuía um rico ambiente de debates, em se tratando aqui do contexto educacional do Liceu de Fortaleza e da Escola Justiniano de Serpa, onde Valter Pinheiro, assim como outros militantes, passaram a juventude. Remetendo a Halbwachs (1990), a memória do indivíduo, por mais particular que seja, sempre remete a um grupo, pois por mais que tenha suas lembranças, está sempre interagindo com a sociedade. As lembranças se alimentam das diversas memórias oferecidas pelo grupo e que o autor denomina de “comunidade afetiva”. Essa memória tem a função de desenvolver um sentimento de pertencimento a um grupo.

Concluimos que a juventude de 1964 soube interpretar os marcos sociais, econômicos, políticos e educacionais nutridos num período de intenso debate intelectual no pré-golpe de 1964. Esse período de intensa efervescência intelectual, em que o ideário de várias teorias fazia parte das discussões nos grupos de jovens, forjou com duro metal a juventude que aguerridamente lutou pelo retorno a democracia e, também por ideias que aspiravam mais que as bases burguesas de nossa democracia.

Ao compreendermos a importância da educação e da formação política da qual a juventude de 1964 estava inserida, não há como não olhar estarecidos no que moldou as marchas de 2013. Iniciadas por forte vento juvenil- jovens que cresceram na democracia - impulsionadas pelo aumento das passagens de ônibus em São Paulo, as marchas se proliferaram pelo país com a chegada da Copa do Mundo sediada no Brasil. Os principais jornais do país estampavam em matéria de capa a avalanche juvenil. Essa série de reportagens define bem a percepção da elite sobre as marchas. Com apelos do tipo “o gigante acordou” e “vem pra rua”, as marchas que se pretendiam apolíticas foram cooptadas pelos principais agentes financeiros e possibilitaram a escalada de grupos que manipulariam a cena política e dariam início ao golpe de 2016, a exemplo, do MBL. Contrapor passado e presente é necessário na aquisição da consciência do tempo. (LE GOFF, 1996). Naquele momento, percebemos que a oposição entre passado e presente não fora construída, assistimos em horário nobre ao estabelecimento de ideias contrárias ao que fora construído pela humanidade: o conhecimento.

Concluimos que, assim com a juventude 1964, a juventude de 2013 – altamente manipulada nas marchas - saberá, para além dos dispositivos conservadores e entreguistas de nossos meios de comunicação, dissuadir-se da teia de submissão imposta pelas redes sociais e, ao sabor das denúncias dos arranjos para minar nossa frágil democracia, lutar pelo retorno nos marcos da luta burguesa, hoje negada por essa mesma burguesia ou quem sabe trilhar caminhos para além desse aparato burguês que, por certo, não atende aos interesses da classe trabalhadora, traçando dessa forma, novas forma de sociabilidade.

REFERÊNCIAS

- CARVALHO, J. M. Mandonismo, coronelismo, clientelismo: uma discussão conceitual. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 2, 1997.
- CUNHA, L. A. **Educação, Estado e democracia no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1991.
- FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde. Depart. de Recursos Humanos da Saúde: Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p. 17-34.
- FREITAG, B. **Escola, Estado e sociedade**. 4. ed. rev. São Paulo: Moraes: 1980. (Coleção Educação Universitária).
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Maurice Halbwachs. Tradução de Laurent Leon Schaffter. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990. Traduzido do original francês *La Mèmoire Collective*.
- JAGUARIBE, H. **Introdução ao desenvolvimento social**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão *et al.* 4. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

MOTTA, R. P. S. A modernização autoritário conservadora nas universidades e a influência da cultura política. *In*: REIS FILHO, D. A.; RIDENTE, M.; SÁ MOTTA, R. P. (org.) **A ditadura que mudou o Brasil: 50 anos do golpe de 1964**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014a. p. 48-65.

MOTTA, R. P. S. **As universidades e o regime militar**: cultura política brasileira e modernização autoritária. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014b.

PINHEIRO, V. **Entrevista I**. Repensando o lugar de fala [Entrevista concedida] à Maria Lenúcia de Moura. Fortaleza, 23 ago. 2018.

PINHEIRO, V. **Entrevista II**. Vida acadêmica [Entrevista concedida] à Maria Lenúcia de Moura. Fortaleza, 19 mar. 2019a.

PINHEIRO, V. **Entrevista III**. Nova síntese [Entrevista concedida] à Maria Lenúcia de Moura. Fortaleza, 14 jun. 2019b.

PINHEIRO, V. **Entrevista IV**. O sequestro [Entrevista concedida] à Maria Lenúcia de Moura. Fortaleza, 19 set. 2020. Entrevista feita após pedido de mudanças no texto pela revista.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RICOER, P. **A memória, a história e o esquecimento**. Tradução: Alain François [*et al.*]. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

SOARES, G. A.; D'ARAÚJO, M. C. (org.). **21 anos de regime militar**: balanços e perspectivas. Rio de Janeiro: FGV, 1994.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

AUTORIA:

* Doutorado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora Adjunta da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Contato: lenucia.moura@uece.br

** Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor Titular da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Contato: charliton.lara@yahoo.com.br

*** Doutorado em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor Adjunto da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Contato: eudes.baima@uece.br

COMO CITAR ABNT:

MOURA, M. L. de; MACHADO, C. J. dos S.; BEZERRA, J. E. B. A frágil democracia brasileira: reflexões a partir da biografia de Valter Pinheiro. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, SP, v. 21, p. 1-24, 2021. DOI: 10.20396/rho.v21i00.8658447. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8658447>. Acesso em: 01 jun. 2021.

Notas

- ¹ Entende-se por esta expressão a adoção de um padrão produtivo voltado para o consumo de bens de valor elevado e mais duráveis.
- ² Depois, incorporada à Universidade Estadual do Ceará, fundada em 1975, como seu Centro de Humanidades.
- ³ Em sua fundação, no começo dos anos de 1950, o PORT era a seção brasileira da IV Internacional, fundada por Leon Trotsky em 1938. Com a crise que dividiu esta organização entre 1952-53, o PORT acabou se alinhando à maioria da Internacional, para depois, nos anos 1960, acompanhar o dirigente argentino J. Posadas e se tornar o grupo brasileiro da autoproclamada IV Internacional Posadista. Foi neste último período que Pinheiro teve contato com o PORT.
- ⁴ Os Atos Institucionais foram instrumentos que permitiram aos governos militares a tomada de medidas ao arrepio de qualquer regra democrática, inclusive dispensando a autorização do Parlamento. O mais célebre deles, o AI-5, decretado em 1968, inclusive fechou as casas legislativas e revogou as proteções legais que ainda restavam no país.
- ⁵ O narrador se refere à FAFICE, que só em 1975 seria integrada à UECE.
- ⁶ A Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos, ao tempo da passagem de Valter Pinheiro pelo seu quadro de docentes, era uma autarquia estadual. A partir de 1976, a Faculdade foi incorporada à então nascente Universidade Estadual do Ceará (UECE) e seu corpo docente absorvido pela nova instituição.